



A *De aetatibus mundi et hominis* sem a letra ‘a’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do prólogo

De aetatibus mundi et hominis *Without the Letter ‘a’*, by Fulgentius the Mythographer: Lipogrammatic Translation of the Prologue

Cristóvão José dos Santos Júnior

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil

crisovao_jsjb@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5797-7192>

Resumo: Esta é a primeira tradução lipogramática do prólogo da obra *De aetatibus mundi et hominis*, atribuída ao autor norte-africano e tardio Fulgêncio, o Mitógrafo (final do séc. V – início do séc. VI d.C.). O texto tradutório proposto parte da edição crítica efetuada por Rudolf Helm (1898), também realizando diálogos com o trabalho empreendido pelo estudioso italiano Massimo Manca (2003). A *De aetatibus* é um lipograma consecutivo, estando dividida em um prólogo e 14 Livros. Ressalte-se, entretanto, que, seguindo a edição de Helm, o prólogo seria alipogramático, o que é objeto de questionamento por parte de alguns pesquisadores como Manca (2003) e Gregory Hays (2019).

Palavras-chave: Fulgêncio; Antiguidade Tardia; Tradução Lipogramática; Escrita Constrangida.

Abstract: This is the first lipogrammatic translation of the prologue to the work *De aetatibus mundi et hominis*, attributed to the North African and late author Fulgentius the Mythographer (late 5th – early 6th century). The proposed translation is based on the critical edition by Rudolf Helm (1898) and dialogues with the work undertaken by the Italian researcher Massimo Manca (2003). *De aetatibus* is a consecutive lipogram divided into a prologue and 14 Books. However, it should be noted that, following Helm’s edition, the prologue would be alipogrammatic, which is questioned by some researchers like Manca (2003) and Gregory Hays (2019).

Keywords: Fulgentius; Late Antiquity; Lipogrammatic Translation; Constrained Writing.

A questão do prólogo e sua tradução lipogramática

A *De aetatibus mundi et hominis* (*Das idades do mundo e da humanidade*) diz respeito a uma composição de caráter teológico atribuída a Fulgêncio, o Mitógrafo. De fato, pouco se sabe a respeito desse escritor, de modo que ainda remanesçam variadas indagações acerca de sua existência. No difícil processo de conhecimento de dados relativos à sua biografia, seus comentadores costumam se utilizar de alusões de outros autores, citações e até mesmo algumas referências intratextuais, especialmente quanto ao prólogo do Livro I de suas *Mitologias*.

A fortuna crítica considera que Fulgêncio teria vivido no norte da África, sob domínio do povo vândalo, em uma época politicamente conturbada, consoante ele mesmo realça nos prólogos de suas composições. Frise-se, entretanto, que, segundo Hays (2003), a turbulência mencionada pode se referir a mero topos retórico. Ademais, nosso autor teria vivido entre os séculos V e VI, pertencendo à Antiguidade Tardia, um período ainda pouco examinado em pesquisas desenvolvidas em língua portuguesa.

Fulgêncio é muito referenciado pelo epíteto de Mitógrafo em virtude da sensível repercussão de sua supramencionada obra mitográfica, mas também para diferenciá-lo de um homônimo, o Bispo de Ruspe. Destaque-se, então, uma problemática de ordem filológica atinente à sua fortuna textual, que foi investigada por Cristóvão Santos Júnior (2019b). Ocorre que os escritos que hoje são pacificamente atribuídos a nosso compositor já foram, por vezes, creditados ao Fulgêncio Ruspense, sendo – em uma perspectiva autoral singularista – até mesmo juntados a outras obras do Bispo em um mesmo volume editorial, como se tocantes a um único escritor. Atualmente, contudo, prevalece a hipótese separatista, que concebe a existência de dois indivíduos diversos, com fundamento, sobretudo, em perquirições de índole estilística e linguística (SANTOS JÚNIOR, 2019b).¹

¹ As dificuldades filológicas atinentes à fortuna fulgenciana são exploradas, em português, no artigo de Cristóvão Santos Júnior (2019b) intitulado *O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios*, disponível no seguinte sítio eletrônico: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>.

Considerando o prisma dicotômico, a crítica hodierna costuma atribuir ao Mitógrafo a realização de quatro obras: *Mythologiae*,² *Expositio Virgilianae Continentiae*,³ *Expositio Sermonum Antiquorum*,⁴ e a *De aetatibus mundi et hominis*.⁵ Embora ainda sejam tímidas as investigações lusófonas acerca de Fulgêncio, merece destaque o fato de que suas três primeiras produções acima elencadas já foram objetos de recentes traduções. Nesses termos, as *Mythologiae* foram traduzidas por José Amarante (2019), a *Virgilianae* por Raul Moreira (2018) e a *Sermonum* por Shirlei Almeida (2018).⁶ Apenas subsiste, portanto, um vácuo tradutório quanto à *De aetatibus*, mira de nosso interesse particular.

Assim, o produto ora apresentado se articula diretamente a outros, de modo a encerrar um escopo mais amplo, a ser entendido a partir de algumas ponderações a respeito da estrutura formal do escrito investigado. Dessa maneira, centrando-nos na *De aetatibus*, obra mais cristã do legado fulgenciano, chama atenção o fato de que ela se apresenta em uma conformação lipogramática. Nesse vértice, é importante rememorar que o lipograma – do grego *λείπειν γράμμα*, que significa ‘deixar uma letra’ – concerne a uma modalidade de escrita constringida em que seu autor, voluntariamente, evita o emprego de unidades lexicais que contenham um determinado grafema.

² Esta obra foi traduzida integralmente para o inglês por Leslie George Whitbread (1971) e para o francês por Étienne Wolff e Philippe Dain (2013). Também há traduções parciais: do Prefácio para o italiano, realizadas por Martina Venuti (2009, 2018); de passagens da obra por Ferruccio Bertini (1974); e dos excertos poéticos do Prefácio do Livro I por Silvia Mattiacci (2002).

³ A *Virgilianae* também possui traduções para o inglês, feitas por Whitbread (1971) e Zanlucchi (cf. AGOZZINO, 1972), para o italiano, realizada por Fábio Rosa (1997), para o francês, promovida por Étienne Wolff (2009), e para o espanhol, efetuada por Valero Moreno (2005).

⁴ Tal escrito também conta com uma versão para o inglês de Whitbread (1971) e outra para o italiano de Ubaldo Pizzani (1968).

⁵ Afora nosso projeto tradutório, a *De aetatibus* só conta com duas traduções alipogramáticas, uma realizada para o inglês por Whitbread (1971) e outra efetuada para o italiano por Massimo Manca (2003).

⁶ No panorama pátrio, também assume relevo o trabalho desenvolvido por Marcos Martinho dos Santos (2016), que observou algumas interferências das *Mitologias* fulgencianas na *Genealogia* de Giovanni Boccaccio.

Nesses termos, o lipograma fulgenciano apresenta uma costura consecutiva, na medida em que a constrição linguística é engendrada de modo sequenciado nas 14 seções que a integram. Assim, em cada unidade de sua obra, Fulgêncio evita uma determinada letra, o que é empreendido na ordem dos 14 grafemas de seu alfabeto líbico-latino,⁷ indo de ‘a’ a ‘o’. É possível que esses marcos final e inicial sugeriram o contraste entre o alfa e o ômega, enquanto início e fim teológicos, em consonância com a diretriz dessa produção poética, que visa a descrever as fases do mundo e do ser humano. Esse entendimento não é, contudo, pacífico, havendo até hoje uma intensa discussão acerca da possível incompletude do lipograma, sopesando-se alguns dados intratextuais, como a aparente indicação no prólogo, que o leitor logo apreciará, de que se busca empregar todas as vinte e três letras.

Outro dado significativo é que, consoante assevera Georges Perec,⁸ a *De aetatibus* se trata do mais antigo lipograma de que se tem uma concreta atestação material (OULIPO, 1973). Nesse sentido, malgrado outros possíveis lipogramistas pretéritos a Fulgêncio costumem ser mencionados, a exemplo de Píndaro, Partênio de Niceia, Nestor de Laranda, Trifiodoro e Laso de Hermione, só teriam chegado até nós apenas alguns fragmentos lipogramáticos deste último (OULIPO, 1973). Assim sendo, a obra em estudo consiste em um importante testemunho da tradição de escrita constrangida, que abarca outras manifestações expressivas, como o centão, o palíndromo, o acróstico, o anagrama e o lipograma, seguindo as considerações de Cristóvão Santos Júnior (2019a).⁹

⁷ Considera-se, conforme elucidam Whitbread (1971) e Manca (2003), que o alfabeto latino adotado por Fulgêncio possui 23 letras e se assemelha a nosso atual alfabeto português com a retirada do grafema ‘w’ e das letras ramistas ‘j’ e ‘v’.

⁸ Foi também Perec um lipogramista, no que se notabilizou pela composição do romance *La Disparition (O Sumiço)*, em que não se utiliza a letra ‘e’. Tal feito foi mantido na tradução para a língua portuguesa realizada por Zéfere (2015).

⁹ Para um estudo mais detalhado de outros dados referentes à tradição de escrita constrangida, é oportuna a leitura do artigo de Cristóvão Santos Júnior (2019a) intitulado *Rastros da Tradição Literária Experimental*, disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>, do artigo *Elementos da Tradição Palindrômica Antiga*, realizado por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2019),

Na *De aetatibus*, Fulgêncio tece diversas narrativas atravessadas por interferências bíblicas em cada parte de seu lipograma, deixando de utilizar, para cada história, um determinado grafema. De modo ilustrativo, no Livro I, é apresentada a narrativa do Pecado Original de Adão e Eva sem a letra ‘a’; no Livro II, é explorada a idade de Noé sem a letra ‘b’; no Livro III, é abordado o mito da Torre de Babel sem a letra ‘c’; no Livro IV, é retratada a história de Abraão e Isaque sem a letra ‘d’; e, no Livro XII, é descrita a vida de Jesus Cristo sem a letra ‘m’.¹⁰

Assim sendo, salta aos olhos a potência estilística do escrito de nosso lipogramista, tendo em conta que, em cada segmento textual, o desafio linguístico se transmuta, na medida em que a própria frequência grafêmica se distingue nos vocábulos em geral.¹¹ Nesse sentido, apenas a título de exemplo, é notável que se demonstra mais difícil compor

disponível em <http://www.periodicoselectronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12287> e do artigo *Vestígios do experimentalismo poético greco-latino*, também realizado por Cristóvão Santos Júnior (2020c), disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p172/43578>.

¹⁰ A tradução alipogramática do prólogo e as traduções lipogramáticas dos Livros I, II, III, IV e XII já foram efetuadas por Cristóvão Santos Júnior (2019cd e 2020abd) e Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2020) nos trabalhos intitulados *A problemática do prólogo da De aetatibus e sua tradução alipogramática*, disponível em <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.31811>, *Adão, Eva, Caim e Abel sem a letra ‘a’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro I do lipograma De aetatibus mundi et hominis*, disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/27256>, *Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da De aetatibus mundi et hominis*, disponível em <http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>, *Fulgêncio sem a letra ‘c’: tradução do Livro III do lipograma De aetatibus mundi et hominis*, disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/26021>, *Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano*, disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956> e *A vida de Jesus Cristo sem a letra ‘m’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro XII do lipograma De aetatibus mundi et hominis*, disponível em <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>.

¹¹ A variedade de registros linguísticos – observada não apenas na *De aetatibus*, mas também nas demais produções fulgencianas – é considerada por Hays (2019) como uma apropriação da antiga técnica compositiva intitulada *spoudaiogeloion*, que já apresentava precedência em Aristófanes, no que tange à obra *As Rãs*.

evitando unidades lexicais que contenham elemento vocálico do que realizar o mesmo feito em face de uma restrição consonântica. Quanto a isso, também desperta atenção que há Livros altamente restritores, como o primeiro, em que não se emprega o grafema ‘a’, enquanto, noutra via, também existem Livros pouco restritivos ou, até mesmo, de valor lipogramático meramente simbólico, como ocorre com o de número X, em que não seria utilizada a letra ‘k’, que praticamente não ostenta registro no latim e na língua portuguesa.

Outra questão de interesse concerne aos efeitos trazidos pela condicionante em tela. Almejando atender a seu fórceps compositivo, Fulgêncio recorre a uma gama de estratégias retóricas, valendo-se de grecismos, arcaísmos, supressões e variadas figuras de linguagem, como metáforas, metonímias, perífrases e antonomásias. O resultado disso é uma escrita de teor rebuscado e truncado, que engenhosamente se coaduna ao apelo enigmático de sua mística religiosa, mas, ao mesmo tempo, impõe ao leitor, em dados instantes, um sensível desafio à atividade interpretativa.

Em similar sentido, uma tradução igualmente lipogramática de um texto que já seja assinalado pela restringência grafêmica pode, por vezes, potencializar a incompreensão ventilada, considerando-se a eventual formação de uma cadeia de nebulosidade linguística. Talvez por isso, para além de nosso projeto, a *De aetatibus* só conte com traduções alipogramáticas, uma para o inglês, engendrada por Leslie Whitbread (1971) e outra para o italiano, feita por Massimo Manca (2003).

É cediço que, na área de Estudos Clássicos e Medievais, as traduções são também utilizadas por estudiosos das línguas dos textos de partida, que, muitas vezes, desejam traduções que permitam um mais imediato acesso ao escrito adotado pelo tradutor, sendo comuns, inclusive, edições bilíngues. Em tal hipótese, uma tradução lipogramática poderia dificultar ainda mais a compreensão da *De aetatibus* em sua conformação latina, de modo que um pesquisador talvez não se sinta muito confortável com essa proposta tradutória. Por outro lado, uma versão alipogramática poderia ocasionar, a depender dos interesses particulares de seu leitor, um prejuízo acerca do processo de apreciação poética desse texto, que porta, em seu fulcro estilístico, um relevante testemunho para a história da arte.

Desse modo, nosso projeto de pesquisa se desenvolve com duas facetas, buscando, a partir de critérios tradutórios diversos, elaborar duas versões igualmente distintas da *De aetatibus*: uma lipogramática, vinculada, sobretudo, ao processo de fruição poética e de valorização de seu prisma formal; e outra alipogramática, que possibilite, por via de uma linguagem mais fluida, um acesso menos dificultoso à obra de partida. Então, ao final desta empreitada, que ainda se desenvolve, espera-se ofertar ao público duas opções para sua leitura, as quais poderão, a seu critério, ser confrontadas.

No que tange especificamente ao prólogo, verifica-se uma problemática filológico-tradutória ainda mais singular. Isso se deve ao fato de que, no texto estabelecido pela edição crítica de Rudolf Helm (1898), até hoje adotado na área, essa seção seria alipogramática, não sendo abarcada pelo primeiro Livro, que começaria apenas com a história do Pecado Original, apresentando as personagens Adão, Eva, Caim e Abel. Todavia, Manca (2003), que foi seguido por Hays (2019), sinaliza que, a seu ver, o prólogo seria lipogramático, fazendo parte da narrativa inaugural.

Segundo o estudioso italiano, a edição não contemplou algumas informações consubstanciadas nos manuscritos adotados por Helm, que teria ignorado uma *inscriptio* indicativa do início do lipograma e que já estaria presente na primeira folha dos códices *Vaticanus* e *Taurinensis*. Outra questão que Manca (2003) salienta diz respeito ao fato de que grande parte das lições em ‘a’ do prólogo se refere ao ditongo ‘ae’, que poderia ter sido facilmente alvo de simplificação pelo Mitógrafo. Nesses termos, é também ressaltada a desproporção do Livro I, muito menor que os demais, caso desconsiderado o prólogo como porção integrante.

Note-se, por fim, que as considerações do crítico fulgenciano são enriquecedoras, permitindo novos prismas de tensão acerca dos escritos relativos à *De aetatibus*. A nosso entender, todavia, sua perspectiva não se demonstra peremptoriamente conclusiva, de modo que se afiguram possíveis as duas leituras. De qualquer modo, considerando nosso duplo intento tradutório, foi empreendido um texto de chegada em conformidade com a edição de Helm, que pertencerá à nossa versão alipogramática, também sendo, neste momento, ofertado um escrito lipogramático, que – seguindo as contribuições de Manca (2003) – poderá ser apreciado a seguir.

Texto de partida latino

Oportuit quidem, uirorum excellentior, hoc nostro quo nuper regimur temporis cursu perenni potius studere silentio et non dicendi studio, praesertim ubi nihil plus nisi de nummi quaestu res uertitur et conquirendi lucri perennis sollicitudo cotidie mentibus suppuretur; cupido etenim sensui non sermo dicentis comptior, sed offerentis est dulcior. In his non lugentum luctus intenditur, non miserorum gemitus condoletur, sed solius colligendae pecuniae commodo pernox comptus ducitur; cupidae enim menti fit et uox humilis. Et crede, teste Deo nostro confiteor, uolui tuum in his opusculis praeceptum spernere, nisi hoc meo indixissem ingenio, tuo nullo modo inobediens inueniri imperio. Esto ergo contentus huic oneri, quod tibi florulentis Pieridum decerpsimus hortulis et sicut Euristeus mihi inponendo sudori Herculeo praefuisti. Sic quoque nostris opusculis intentus quaesumus incubes lector, ut, si – quod minime puto – iniunctum opus tuo non displicuerit legendum iudicio, poeticum felix gessi negotium, sin uero obscuro stultitiae nubilo tenebrescit inconditus sermo, in silentii cinerem sepultae migrentur necesse est tot lucernae peruigiles et sine effectu honoris [p. 130 Helm] productae usque in crepusculum noctes. Ergo decuit, mi domine, cuius propter hoc nostrum ordiri libellum uideor uel quo inpellente opus durissimum subire cognoscor, in hoc excellenti superboque negotio, ubi ingenii potius exerceri debuit celsitudo, elementorum ut peruides ordini non seruire, quo mirifici operis dispositio decorum non fugisset eloquium; dum enim mens litteris fugiendis studet, minus idoneum opus efficiet; sudor quippe est estuosi spiritus, ubi quidquid decorum inueneris ponere non licebit, dum illic litterae quae fugiuntur inpegerint; de tuo enim conice mentis ingenio, utrumne, dum inter illud quod queris id quod non uis inueneris, quibus ingenii estibus suffoceris. Ergo semel indicto seruiens ex inpositione negotio melius duco minus compte dicere et ex rei praesumptae ordine nullo modo dissilire. Quaeso ergo te, domine, ut non rusticiter me sensisse diiudices, dum sublime non profertur eloquium; est enim in nobis copiosum dictionis enormeque fluentum, quod nostrum opus mirifice pingeret, si huius propositae rei impeditio non obsesset. Dixisti enim legisse te librorum bisduodenum uolumen Xenofontis

poetae in singulis libris singulis litteris diminutis, quod quidem opus mirificum cuncti qui interfuimus iuste praetulimus; sed illic forte nec nominum ordo interfuit cum suis litteris subducendus, et penes Grecos licet in litteris uertere, ubi quilibet necessitudinis constringitur forcipe, ut e in i et o in u, quod penes Libicos inuenitur inlicitum. Quid ergo ego in primi hominis nomine eiusque coniugis uel duorum filiorum perpeusus sum quoue sudore usque in internicione constrictus, [p. 131 Helm] ut, quos ordo scripturae dicendos exigeret, illorum nominibus uti penitus non liceret. Sed dicetur mihi: mirum opus non esset, si districtio huius rei quaerendae non intercideret. Ergo praetermissis libelli principiis rerum nobis exhinc sumendus est tenor. Viginti igitur et duobus elementis penes Hebreos ordo loquendi disponitur, uno itidem superiecto nostrae linguae profusio, sed et Rom<an>ae colligitur; sin uero tertiae sequentem litterae superieceris signum, Graecae linguae necesse est integrum ut monstretur effectum. Ergo ex quo in his operibus Grecum praecessit ingenium, oportet deinceps nostrae linguae medium ordinem consequi, quo non bis duodeno uel bis undeno, sed Grecis uno elemento subducto et Hebreis uno superinposito unicus ordo Libico monstretur in numero. His ergo uiginti et tribus elementorum figuris, in quibus uniuersus loquendi cursus colligitur, mundi ipsius hominisque discretis temporibus ordines coaequemus necesse est. In id enim, et homo quod crescit et mundus quod uiuit et numerus elementorum quod colligitur, inuenitur in nostro libro rerum omnium concors digestio; ut, dum unitos continentiae nodulos in ordinem rei digestos inspexeris, inuenies et plenissime conscriptos hominum mores et mundi dilucidos ordines et in litteris cursus sibi similiter congruentes et, quod his omnibus excellentius emireris, in singulis libris singulis litteris rite subductis, dum primus primum, secundus secundum, sic usque postremus [p. 132 Helm] postremum liber sibi diminuendo perdiderit elementum. Congringitur enim noster dicendi sermo huius interdictionis forcipe domitus, cui quidem solertissime seruiendum est, ne in id, quod fugiendum proposuimus, incurrisse quolibet modo legentium iudicio denotemur. Igitur si secundum Grecorum elementorum ductus loquendique morem, ubi ex primae figurae sigillo usque in postremum ω sibi DCCC numeri colliguntur, nostrae scholae uolueris conferre primordium et Romuleis Libicisque litteris orientis iungendum duxeris

computum, nullo modo sibi similes coire poterunt ordines; neque enim k et h Greco concordēs sunt; episemon quoque et cuf quod Grecus pro numeris interposuit, Romulidum ordo non inuenit. Ergo occurrunt in nostris litteris, si secundum illos numeros usque in postremum z, D, quo duodecies quingenteni mundi uiuentis indicent tempus; sin uero duodecies duodeni, uitae hominis necesse est monstretur excursus; item dum duodecies uiginti tres collegeris, nouem mensium et sex dierum repperies numerum, certissimum ex utero hominis procedentis egressum, ut unde generis primordium sumitur, illinc quoque mortis ordo signetur. Ergo sicut in homine uiginti et tribus lustris mores ordinesque uertuntur et uiginti tribus elementis totius sermonis ordo colligitur, sic quoque et in mundo XX et tres temporum disponendi sunt motus, quo singulis quibusque, ut dictum est, libris et singulorum litterae obseruentur et mores uitaeque hominum picturentur et mundi ipsius res gestae lucidius demonstrantur.

Texto de chegada em língua portuguesa

Foi, decerto, oportuno, ó excelentíssimo dos homens, neste nosso curso de tempo em que recentemente somos conduzidos, melhor refletir, recolhendo-se no perene silêncio, sem investir no discurso, sobretudo no momento em que somente o dinheiro move o proceder do homem, e o perene desejo de obter lucro se encontre sempre expellido pelos intellectos.¹² Com efeito, se se têm sentimentos de cupidez, de jeito

¹² A ornamentação poética associada a uma elocução de lamento em face de circunstâncias calamitosas é recorrente na produção fulgenciana. Nas *Mythologiae* (*myth.* praef. p. 3), diz-se “cito itaque nunc aut quod amiseris fleas aut quod edas inquiras quam quod dicas inuenias” (“Por essa razão facilmente agora ou chorarias pelo que perdeste ou procurarías o que comer em vez de encontrar o que dizer”). Na *Sermonum* (*serm. ant.* praef. p. 111), encontra-se “Ne de tuorum praeceptorum domine, serie, nostra quicquam curtasse inoboedientia putaretur” (“Para evitar que a minha desobediência, ó senhor, fosse julgada de ter cortado algo da série de tuas recomendações”). Por fim, na *Virgilianae* (*Virg. cont.* p. 84), registra-se “Esto ergo contentus, mi domine, leuiori fasciculo quem tibi Hesperidum florulentis decerpsimus hortulis” (“Logo, ficarás contente, meu senhor, com o pequeno mimo o qual colhemos para ti do florescente jardim das Hespérides”). Essas traduções foram efetuadas por outros pesquisadores brasileiros, respectivamente, José Amarante (2019), Shirlei Almeida (2018) e Raul Moreira (2018).

nenhum é melhor o discurso de quem diz; porém é melhor em dulçor o de quem oferece. Entre estes, o choro dos chorosos de modo nenhum¹³ é visto, o gemido dos indigentes de jeito nenhum recebe condoimento. Contudo, o cômputo que persiste em todo crepúsculo é medido, com o propósito de que todo dinheiro fique recolhido.

Com efeito, em um intelecto cobiçoso mesmo o discurso é pequeno. E crê, confesso, com Deus como testigo, que eu quis fugir neste opúsculo do teu preceito, se de modo nenhum tivesse imposto em meu engenho isto: de jeito nenhum ser visto desobedecendo teu império. Fique desde este momento, logo, contente com esse ônus, que colhemos por ti nos floridos hortos piérios, e que tu, como Euristeu, impuseste, me impondo um suor hercúleo.¹⁴

Outrossim, ó leitor, pedimos que tu te obrigues em ver nosso opúsculo, com o propósito que, se – o que de jeito nenhum creio mesmo – o mister imposto de nenhum modo tiver sido, em teu juízo, tedioso em ler, eu terei produzido, felizmente, um escrito poético.¹⁵ Se, em revés, o discurso se entenebrece rudemente pelo obscuro nevoeiro de verdor, é preciso que se migrem no pó do silêncio muitos lumes de enormes zelos e períodos noturnos distendidos no crepúsculo, desprovidos de um êxito honroso.¹⁶

¹³ Sentenças como “de modo nenhum” e “de jeito nenhum” foram alternativas lipogramáticas proveitosas para manter o valor negativo de alguns termos frasais sem o emprego do vocábulo ‘não’, que feriria o esquema constritor.

¹⁴ Buscando valorizar a profusão lexical do escrito fulgenciano, consubstanciada no aparato crítico de sua edição, o texto tradutório se apropria de algumas marcas indicativas do estado de concorrência linguística na língua portuguesa, a exemplo da utilização de próclise após pausas e em início de períodos, algo muito disseminado no português brasileiro, além do emprego de algumas unidades lexicais como ‘pro’ (para + o), muito útil por permitir a manutenção da estrutura lipogramática.

¹⁵ A forma *opusculus* (“opúsculo”) é também registrada na *Continentiae* (87, I).

¹⁶ Segundo Manca (2003), a temática da vigília poética é topos relativamente frequente, tendo ocorrência em Horácio (*carm.* 3, 8, 14), Apuleio (*met.* 2, 11, 10); Marcial (8, 3, 17); Juvenal (1, 51); e Ausônio (15, 1, 5). Fulgêncio utiliza uma *captatio benevolentiae* – estratégia comum em prólogos – evidenciando a possibilidade de sua obra ser considerada desagradável ao leitor, mesmo que tenha sido elaborada com uma grande dedicação. Essa estratégia retórica é comum na obra do Mitógrafo, que a utilizou na

Logo, meu senhor – em virtude, nisto, de nosso libelo, que eu figuro introduzir, ou pelo que figuro suster prementemente um escrito duríssimo, neste esforço distinto por indizível esplendor, onde o superior porte do engenho teve, preferivelmente, que se dispor de modo penoso – conveio, como tu percebes visivelmente, de jeito nenhum ser servo de um prosseguimento prescrito pelos 23 elementos do registro escrito,¹⁷ de modo que o molde deste escrito prodigioso de jeito nenhum tivesse esquecido o primoroso discurso.¹⁸

Decerto, se, em revés, o intelecto nutre os elementos de registro que devem ser repelidos, o produto escrito se exprime menos honroso. Decerto, é suor de um espírito turbulento, em que de modo nenhum é lícito pôr um elemento vistoso que se encontre, no tempo em que os elementos do registro escrito levem repelidos. Com efeito, concebe, de teu engenho intelectual, se por hipótese fores surpreendido pelos fervores do estro, no tempo em que entre o que inquires consegue o que de jeito nenhum queres.

Logo, sendo servo, por um preceito, no compromisso prescrito, começo melhor me exprimindo com menos requinte, e de modo nenhum fugindo do império dos elementos tidos precedentemente. Por conseguinte, te suplico, Senhor, de jeito nenhum julgues que eu me expriji rudemente, mesmo que o discurso de modo nenhum fique sublimemente emitido. Existe, decerto, em nós, um enorme e copioso rio de estilo linguístico, que incrivelmente pode colorir nosso escrito, se de nenhum meio tolhesse o restringimento¹⁹ do ofício proposto.

Sermonum (*serm. ant. prae*. p. 111), através do emprego de um termo restritivo ao qualificador *absolutum* (“completo”), seguindo-se os ensinamentos de Almeida (2018).

¹⁷ Sublinhe-se que os “elementos de registro escrito” são as letras, que não puderam ter sido expressamente referenciadas por causa da constrição lipogramática em tela. Nesse caso, portanto, recorreu-se estrategicamente a um circunlôquio, que é uma técnica largamente empregada por Fulgêncio ao longo da *De aetatibus*.

¹⁸ A expressão *noster libellus*, consoante assevera Manca (2003), é típica da sátira, aparecendo em escritores como Juvenal e Marcial.

¹⁹ Embora pouco frequente em língua portuguesa, o termo ‘restringimento’ – que é dicionarizado e registrado no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), controlado pela Academia Brasileira de Letras (ABL) – demonstrou-se como oportuna

Com efeito, tu disseste ter lido um volume composto de doze vezes dois²⁰ Livros do escritor Xenofonte, em escritos distinguidos por seus elementos de registro escrito, um texto, indiscutivelmente, incrível, que nós todos que vimos este evento bendizemos. Contudo, nisto, contingentemente, de nenhum modo se viu um seguimento dos nomes que devesse ser deduzido de seus elementos de registro escrito. Outrossim, entre os gregos, é lícito produzir substituições nos elementos do registro escrito, no momento em que um se encontre restringido pelo fôrceps do propósito, como ‘e’ por ‘i’ e ‘o’ por ‘u’, o que, entre os líbicos, se vê proibido.²¹

O que, depois, eu suportei com o nome do primeiro homem e de seu cônjuge ou de seus dois filhos, ou com que suor me conservei compelido mesmo morrendo, de modo que de nenhum meio fosse, contundentemente, permitido o referimento deles por seus nomes, que o império do texto exige que fossem proferidos! Porém me pode ser dito: de jeito nenhum é possível ser um texto incrível, se o estorvo deste efeito, que deve ser perseguido, de nenhum meio interviesses.

Por conseguinte, esquecendo os princípios do libelo, desses nossos feitos, se dê o seguimento que deve ser conduzido. Por conseguinte, entre os Hebreus, o conjunto de signos escrito dispõe de vinte e dois elementos. O peso numérico de nosso discurso, que é inclusive o dos Rômulos, é enriquecido, de modo símile, por um único item completivo; porém se, decerto, tu incluísse o signo sucessivo do terceiro elemento, impreterivelmente pode ter sido exibido todo o vigor

alternativa lipogramática para formas que, conquanto mais usuais, apresentam a letra ‘a’, como ‘restrição’ ou ‘restringência’.

²⁰ Em decorrência da estrutura lipogramática, alguns números, como vinte e quatro, não podem ser diretamente mencionados, de modo que se optou por uma estrutura circunloquial.

²¹ Saliente-se, aqui, a existência de um paralelismo entre os termos *melius* (“melhor”) e *minus* (“menos”), que articula uma *captatio benevolentia* vinculada à necessidade de concessões para a feitura do lipograma. Além disso, é notável a existência de um paralelismo anafórico marcado pela repetição do termo *singulis*.

do discurso grego.²² Logo, visto que nestes escritos precedeu o engenho grego, é oportuno percorrer, de contínuo, o seguimento médio do nosso discurso, em que de jeito nenhum existe dois vezes doze ou dois vezes onze, porém suprimido um elemento dos gregos e enriquecendo um pros hebreus, se exhibe o prosseguimento único em registro líbico. Por conseguinte, sobre estes vinte e três itens de registro escrito, em que se obtém curso pleno do discurso, é preciso que cotejemos, distinguidos os tempos, os períodos do próprio mundo e do homem.

Com efeito, nisso, se exhibe, em nosso livro, um seguimento coerente em tudo, e o homem prossegue, como inclusive o mundo que vive e o conjunto dos elementos de registro escrito, de modo que – no momento em que tiveres visto os segmentos independentes do conteúdo do texto, dispostos no curso dos eventos – podes descobrir os costumes dos homens referidos, como inclusive os episódios ocorridos do mundo; e os segmentos se exibem pelos elementos do registro escrito, de modo símile, congruentes entre si. E – o que podes crer excelentemente superior do que tudo isso: nos livros independentes – se repeliu, de modo religioso, o emprego dos itens de registro escrito correspondentes: no primeiro, o primeiro; no segundo, o segundo, e, desse modo, concluindo-se o último Livro, no momento em que tiver sido, por seus trechos, repellido o último elemento de registro escrito.

Com efeito, nosso estilo de descrever se restringe, impellido pelo fórceps deste império, no que, contudo, deve ser competentemente polido com o propósito que, com isso, de jeito nenhum o juízo dos leitores nos culpe ter, neste momento, incorrido no que propusemos fugir.

Logo, se segundo o seguimento do registro escrito e o modo de discorrer dos gregos, em que desde o primeiro elemento inclusive o último, se inclui 800 no cômputo, tu podes querer conferir os primeiros ensinos de nosso colégio e podes crer que o cômputo, pros elementos romúleos e líbicos do oriente, deve ser fundido, de nenhum modo os

²² Outro exemplo interessante da ornamentação discursiva fulgenciana diz respeito a esta passagem, em que ele faz uso de uma extensa construção para, de modo poético, assinalar que seu alfabeto líbico-latino apresenta 23 (vinte e três) grafemas, enquanto o grego teria 24 (vinte e quatro).

seguimentos podem corresponder.²³ Com efeito, o ‘k’ e o ‘h’ de nenhum modo coincidem com o grego. Inclusive o uso do signo completo ‘cuf’, que o grego interpôs nos números, o conjunto de itens escrito dos Rômulos em nenhum modo se exhibe.

Por conseguinte, em nossos elementos de registro escrito os itens se correferem, se segundo eles tu medes em número indo, inclusive, no último elemento ‘z’, 500, com que devem exprimir o período de doze vezes cinco vezes dez de origem do mundo. Contudo, se, decerto, concebes em cômputo doze vezes doze, deve ser impreterivelmente exposto o curso de surgimento do homem. Outrossim, no momento em que tiveres o múltiplo de vinte e três, tu deves obter o número de nove meses e seis ciclos de sol, que exprime o tempo definido pro surgimento do homem, de modo que de onde se considere o primórdio de gênese, disto se concebe inclusive o curso de morte.²⁴

Logo, como os costumes e os eventos cometidos pelo homem se circunscrevem em vinte e três lustros, e todo o curso discursivo se obtém por meio de vinte e três elementos, de jeito símile, no mundo, existe um movimento de vinte e três períodos de tempo que devem ser dispostos, de modo que, como foi dito, se observem, nos livros distinguidos, os elementos de registro escrito específicos, como inclusive os costumes e os períodos dos homens, e se demonstrem, com lucidez, os feitos do próprio mundo.

²³ Note-se que o termo usado por Fulgêncio para aludir aos romanos é *Romuleis*, um adjetivo que faz referência a Rômulo, primeiro rei lendário de Roma. É interessante perceber como a poética fulgenciana apresenta uma preocupação sensível com a História e com a tradição na qual se insere. Assim, não figura ser à toa um emprego que remete a um passado tão longínquo da civilização romana, tido, até mesmo, por mítico.

²⁴ Para tradução de *generis* (‘gênero’, ‘origem’, ‘estirpe’, ‘família’, ‘descendência’, ‘linhagem’, ‘povo’), escolheu-se a forma ‘gênese’, por incrementar o arcabouço lexical de matriz litúrgica. É perceptível, ainda, um jogo antitético entre *generis primordium* (“primórdio da gênese”) e *mortis ordo* (“curso da morte”), demarcando-se a oposição entre o início e o fim, a vida e a morte, dentro de uma cadeia sequenciada da existência do homem e do mundo, denotando a poética da angústia associada à certeza do esgotamento existencial humano com o consequente juízo final.

Referências

AGOZZINO, T. Secretum quaerere veritatis. Virgilio, vates ignarus nella Continentia Virgiliana. In: STUDI classici in onore di Quintino Cataudella III. Catania: Università di Catania, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1972. p. 615-630.

ALMEIDA, S. A “*Expositio Sermonum Antiquorum*”, de Fulgêncio, o Mitógrafo: estudo introdutório, tradução e notas. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

AMARANTE, J. *O livro das Mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã*. Salvador: Edufba, 2019.

BERTINI, F. *Autori latini in Africa sotto la dominazione vandalica*. Genova: Tilgher, 1974. p. 131-145.

FULGENTII, F. *Opera*. Edição de Rudolf Helm. Lipsiae: Teubner, 1898.

HAYS, G. A World Without Letters: Fulgentius and the De aetatibus mundi et hominis *The Journal of Medieval Latin*, Turnhout, v. 29, p. 303-339, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1484/J.JML.5.118578>.

HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. *Journal of Medieval Latin*, Turnhout, v. 13, p. 163-252, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1484/J.JML.2.304196>.

MANCA, M. *Le età del mondo e dell'uomo*. Allessandria: Edizioni dell'Orso, 2003.

MATTIACCI, S. ‘Divertissements’ poéticos tardoantichi: i versi di Fulgenzio Mitógrafo. *Paideia*, Brescia, v. 57, p. 252-280, 2002.

MOREIRA, R. A “*Exposição dos conteúdos de Virgílio*”, de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

OULIPO. *La littérature potentielle: créations, re-crétions, récrétions*. Paris: Gallimard, 1973.

PEREC, G. *La Disparition*. Paris: Denoël, 1969.

PEREC, G. *O sumiço*. Tradução de Zéfere. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PIZZANI, U. *Fulgenzi: definizione di parole antiche*. Roma: Ateneo, 1968.

ROSA, F. *Fulgenzio: Commento all'Eneida*. Milano/Trento: F. R., 1997.

SANTOS, M. Les références aux Mythologies de Fulgence dans la Généalogie des dieux païens de Boccace. In: CASANOVA-ROBIN, H.; LONGO, S. G.; LA BRASCA, F. *Boccace humaniste latin*. Paris: Classiques Garnier, 2016. p. 251-280.

SANTOS JÚNIOR, C. Fulgêncio sem a letra 'C' tradução do livro III do lipograma de AETATIBUS MUNDI ET HOMINIS. *Belas Infêis*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v9.n1.2020.26021>. Acesso em: 03 maio 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A vida de Jesus Cristo sem a letra 'm', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do livro XII do lipograma De aetatibus mundi et hominis. *Phaos*, Campinas, v. 20, p. 1-8, 2020b. Recuperado de <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Vestígios do experimentalismo poético greco-latino. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 172-191, jun. 2020c. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2020v25n1p172>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p172>. Acesso em: 02 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A problemática do prólogo da *De aetatibus* e sua tradução alipogramática. *CODEX*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 321-330, 2020d. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.31811>. Acesso em: 03 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Rastros da tradição literária experimental. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 62, p. 130-147, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i62.30441>. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 13, n. 2, p. 208-226, 2019b. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v13i2.6976>. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>. Acesso em: 09 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 9, p. 101-119, 2019c. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. *A Palo Seco*, Itabaiana, n. 12, p. 90-94, 2019d. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Adão, Eva, Caim e Abel sem a letra ‘a’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro I do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. *Rónai*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 88-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/27256>. Acesso em: 03 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Elementos da tradição palindrômica antiga. *Afluente*, Bacabal, v. 4, p. 195-213, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12287>. Acesso em: 05 maio 2020.

VALERO MORENO, J. M. La Expositio Virgiliana de Fulgencio: poética y hermenéutica. *Revista de Poética Medieval*, Alcalá de Henares, n. 15, p. 112-192, 2005.

VENUTI, M. *Il “prologus” delle Mythologiae di Fulgenzio*. Introduzione, testo critico, traduzione e commento. Napoli: Paolo Loffredo Iniziative Editoriali Srl, 2018.

VENUTI, M. *Il prologo delle Mythologiae di Fulgenzio: Analisi, traduzioni, commento*. 2009. 324 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Dipartimento di Filologia Classica e Medievale, Università degli Studi di Parma, Parma, 2009.

WHITBREAD, L. G. *Fulgentius, The Mithographer*. Ohio: State University Press, 1971.

WOLFF, É. *Fulgence, Virgile dévoilé*. Villeneuve-d’Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2009.

WOLFF, É.; DAIN, P. *Fulgence, Mythologies*. Villeneuve d’Ascq: Septentrion Presses Universitaires, 2013.

Recebido em: 2 de março de 2020.

Aprovado em: 10 de julho de 2020.